

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

ANA BÁRBARA NACCARATI DE MELLO

**Estudo dos efeitos de longo prazo de bullying em jovens
vítimas: uma perspectiva da psicologia analítica**

SÃO PAULO
2018

ANA BÁRBARA NACCARATI DE MELLO

ESTUDO DOS EFEITOS DE LONGO PRAZO DE BULLYING EM
JOVENS VÍTIMAS: UMA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA
ANALÍTICA

Projeto de Pesquisa elaborado para
uso no Trabalho de Conclusão de
curso de Psicologia da Faculdade
de Ciências Humanas e da Saúde
da Pontifícia Universidade Católica
de São Paulo sob a orientação da
Professora Doutora Ivelise Fortim

SÃO PAULO
2018

Agradecimento

A minha família, por todo seu amor e apoio, principalmente a minha irmã Gabriela, que me incentivou nos momentos de cansaço.

Aos meus amigos e amigas, que sempre me ajudaram nos momentos de dúvida, e que estiveram ao meu lado, proporcionando momentos de risada, tornando a execução deste trabalho mais leve e prazerosa. Vocês foram fundamentais nos meus anos aqui na PUC.

As pessoas que compartilharam meu questionário online, que foram essenciais para conseguir realizar este trabalho.

As pessoas que aceitaram participar da entrevista, pela sua coragem e disponibilidade em falar com uma pessoa que não conheciam e falar sobre este tema difícil.

A minha orientadora Ivelise Fortim pela orientação, incentivo e confiança, por me ajudar nos momentos de maiores dificuldades e frustração.

As professoras Ruth Lopes e Sandra Sanches, por proporcionarem um lugar para trabalhar no meu TCC nas Sextas a tarde.

As minhas colegas de trabalho e supervisor pelo seu apoio e incentivo.

RESUMO

A pesquisa realizada buscou fazer uma análise de relatos de jovens adultos vítimas de bullying na adolescência e tentou traçar como tal influenciou em suas vidas. As consequências do bullying podem ser divididas em curto e longo prazo (WOLKE, LEREYA 2015). Assim, através de entrevistas reflexivas foi possível compreender e analisar quais consequências a longo prazo a pessoa atribui ao bullying sofrido. Tratou-se de uma investigação qualitativa e a estratégia metodológica adotada foi a reflexão analítica em cima dos relatos.

Palavras-chave: Bullying, adolescência, jovens adultos, psicologia analítica, efeitos do bullying

Abstract

The research conducted sought to analyze the content of interviews of young adults that were bullying victims in their adolescence and try to trace how it influenced their lives. The consequences of bullying can be divided in short and long term (WOLKE, LEREYA 2015). Thus, through reflective interviews it was possible to understand and analyze what long term consequences these people attribute to the bullying suffered. This research was a qualitative investigation and the methodological strategy adopted was the analytical reflection upon the reports.

Key words: Bullying, adolescence, young adults, analytical psychology, effects of bullying

Sumário

1. Introdução	7
1.1 Psicologia analítica	14
1.2 Complexo do Bode expiatório.....	15
1.3 Vítima secular.....	18
1.4 Vítima Sagrada.....	19
2. Objetivos	21
2.1 Objetivo geral	21
2.2 Objetivo específico	21
3. Método	22
3.1 Participantes.....	22
3.1.1 Tamanho da amostra	22
3.1.2 Seleção da amostra	22
3.1.3 Critérios de Inclusão	22
3.1.4 Critérios de exclusão.....	22
3.2 Instrumentos.....	22
3.2.1 Duração e sequência de aplicação de instrumentos.....	22
3.3 Local de coleta de dados.....	23
3.4 Procedimentos de análise de dados.....	23
3.5 Cuidados éticos.....	23
3.6 Riscos	23
3.7 Benefícios	24
3.8 Desfecho primário.....	24
4- Descrição questionário	24
5- Resultados e discussão	26
5.1- Análise dos dados	26
5.1.1- Gênero	26
5.1.2- Idade	26
5.1.3- Idade que sofreu do bullying	27
5.1.4- Regularidade.....	27
5.1.5- Tipos de bullying.....	27
5.1.6- Quem eram os agressores	28
5.1.7- Exemplos de bullying.....	28
5.1.8- Se defender ou relatar o bullying sofrido.....	30

5.1.9- Como reagem	31
5.2- Efeitos.....	32
5.2.1- Acreditar no que falavam:	33
5.2.2- Baixa autoestima e insegurança.....	34
5.2.3- Sentimentos	37
5.2.4- Se relacionar/ problemas de comunicação	39
5.2.5- Minimizar o sofrimento	41
5.2.6- Problemas de identidade	42
6- Considerações finais	45
7- Referências bibliográficas	46
8- Anexos.....	48

1. Introdução

De acordo com o dicionário Michaelis (2016), 'bullying'¹ significa, Ato agressivo sistemático, envolvendo ameaça, intimidação ou coerção, praticado contra alguém, por um indivíduo ou um grupo de pessoas. Ocorre geralmente em escolas, porém pode ser praticado em qualquer outro local. Trata-se de ação verbal que pode, em situações extremas, evoluir para agressão física. De acordo com Wolke e Lereya (2015) O bullying é um dos tipos de violência mais frequente na infância, sendo até maior que abuso de pais e outros adultos.

De acordo com Vieira (2010) a prática de bullying, pode ter outros nomes em países diferentes, como por exemplo, *mobbing* na Noruega e na Dinamarca; *ijime* no Japão; *prepotenzo* e *bullismo* na Itália e *acaso y amenaza* entre escolares na Espanha.

A agressão de acordo com Zequinão, Medeiros e Pereira et al (2016), pode ser de forma direta (física ou verbal) ou indireta. As agressões físicas diretas envolvem qualquer forma de machucar a vítima, como por exemplo, tapas, arranhões, empurrões além de roubo ou estrago de objetos. Submissão da vítima a trabalhos servis também é uma forma de agressão. As agressões verbais diretas ocorrem por meio de insultos, provocações, ameaças e comentários humilhantes. As duas formas de agressão podem ocorrer de forma individual ou em grupo (ZEQUINÃO, MEDEIROS E PEREIRA et al 2016).

A agressão indireta é quando a vítima é isolada e excluída de um grupo social o que dificulta sua comunicação com os pares. Esse tipo de agressão é feita por meio de boatos ou quando os agressores ignoram a vítima ou ameaçam outros a não falarem com ela (ZEQUINÃO, MEDEIROS E PEREIRA et al 2016).

O bullying é diferente de outras agressões por ser intencional e persistente. De acordo com a mesma pesquisa, tem três características marcantes. Primeiramente a agressão não é algo ocasional, a segunda característica é que não é resultado de uma provocação. E por fim o terceiro aspecto marcante é a

¹ O termo bullying já foi assimilado para o português, por isso não estará em itálico

desigualdade de poder entre o agressor e a vítima (ZEQUINÃO, MEDEIROS E PEREIRA et al 2016). De acordo com Rocha, Costa e Neto (2013) outras características do bullying são a intenção de ferir a vítima, a agressão ocorrer repetitivamente e na presença de um público espectador, concordância do alvo com relação à ofensa e a agressão ocorrer entre pares. Os critérios utilizados para caracterizar esse comportamento, para Oliveira (2015) são intencionalidade, repetitividade e desequilíbrio e poder. A pessoa que comete bullying tem um desejo de agredir seus colegas ou os expor a situações negativas. Esse tipo de assédio se repete ao longo do tempo, gerando dificuldade para a vítima se defender.

Os agressores (não considerando vítima/agressor) normalmente são fortes, populares (WOLKE E LEREYA 2015) e possuem habilidades sociais e emocionais sofisticadas para manipular a vítima e rede de grupos de pares para aceitar seu comportamento (WOODS, WOLKE, NOWICKI et. al 2009). Por essas razões os agressores na grande maioria não possuem um transtorno de conduta. Além disso ao contrário do transtorno de conduta, os bullies são encontrados em todos os níveis socioeconômicos e étnicos. Em contraste, as vítimas foram descritas como retiradas, não assertivas, facilmente perturbadas emocionalmente Wolke (2015).

A vítima de bullying pode sofrer intimidações, e ameaças físicas e psicológicas que causa sujeição, isolamento, sofrimento e marginalização. Essas consequências podem prejudicar o desenvolvimento da vítima, por ser uma forma de comportamento antissocial. As consequências desse tipo de violência podem ser imediatas (curto prazo) ou a longo prazo (Perreira, Apud Vieira 2010)

Os efeitos de bullying a curto prazo podem ser baixo rendimento na escola e baixa autoestima (FRASER-THILL 2017), outro efeito citado por Fraser-Thill (2017) foi problema com o sono. As crianças podem ter problema em adormecer e/ou ficar dormindo. Elas também são mais propensas a terem pesadelos que podem ser ameaçadores e envolver ou não o agressor.

Sofrer bullying muitas vezes é erroneamente visto como “um ritual normal de passagem” (WOLKE, LEREYA, 2015). Em uma pesquisa feita por Wolke e Lereya (2015) foi estudado a importância do bullying como um fator de grande risco para saúde mental e física. O bullying também foi visto como um risco para uma maior dificuldade na adaptação da vida adulta incluindo a formação de relacionamentos duradouros, integração no trabalho e conseguir ser economicamente independente.

Segundo Wolke e Lereya (2015) crianças que foram vítimas de bullying foram constantemente encontradas em maior risco de problemas somáticos como, resfriados, ou problemas psicossomáticos, como por exemplo, dor de cabeça, estômago ou problemas para dormir. Elas também são mais propensas a começar a fumar. Também foi relatado que as vítimas podem mais frequentemente desenvolver problemas de internalização e transtorno de ansiedade ou transtorno de depressão. Pesquisas foram feitas com gêmeos monozigóticos, que são geneticamente idênticos e que vivem nas mesmas famílias, entretanto eram dessemelhantes para experiências de bullying. Percebeu-se que os problemas de internalização aumentaram ao longo do tempo apenas naqueles que foram intimidados fornecendo fortes evidências que o bullying em vez de outros fatores explica o aumento dos problemas de internalização.

O bullying causa dor e angústia e como já citado pode causar queda de rendimento em vários contextos. Além disso, pode levar a pessoa a ter doenças psicossomáticas. Outro tipo de bullying que existe é o Cyberbullying que tem como prática a humilhação, exclusão, discriminação no mundo virtual (BOTTINO 2015).

Foi encontrado, particularmente em diagnósticos de transtorno de ansiedade e depressão na idade adulta jovem e na idade adulta média (18-50 anos de idade) que pessoas que foram vítimas de bullying quando crianças tem maior risco de internalizar problemas (WOLKE, LEREYA 2015).

Além disso, as vítimas estavam em maior risco de exibir experiências psicóticas aos 18 anos e ter ideias suicidas e tentativas de suicídios. Também foi relatado que as vítimas têm uma saúde ruim no geral, incluindo mais dor corporal, dores de cabeça e recuperação mais lenta das doenças. Além disso, foi encontrado que as crianças vítimas de bullying podem ter qualificações educacionais mais baixas, ser piores no gerenciamento financeiro e ganharem menos do que seus pares mesmo aos 50 anos. As vítimas também podem ter mais problemas para fazer ou manter amigos e ter menos chances de viver com um parceiro e ter suporte social (WOLKE, LEREYA 2015).

Os que sofreram bullying com maior frequência ou de maneira mais severa, seja direto ou indiretamente ou mais cronicamente (por um período maior de tempo) tem resultados piores.

O bullying pode ocorrer em vários ambientes, porém de acordo com Oliveira (2015) esse tipo de agressão é uma realidade entre crianças e adolescentes em idade escolar e ocorre em várias culturas. Bullying se tornou um grave problema em vários países. Esse fenômeno causa grande sofrimento psíquico (OLIVEIRA 2015) e compromete como dito anteriormente, o processo de aprendizagem do aluno. O bullying também pode causar consequências no modo que a vítima lida com as demandas sociais ao longo do ciclo da vida. O bullying está se tornando, por causa de suas consequências, um grave problema de saúde pública mundial.

O bullying ocorre tanto entre meninas e entre meninos. Todavia estudos (ZEQUINÃO, MEDEIROS e PEREIRA et al 2016) mostram que meninos se envolvem mais nas agressões físicas e as meninas nas agressões verbais ou indiretas. Na pesquisa de Bandeira e Hutz (2010), os resultados mostram que o bullying apresenta diferentes implicações em meninos e meninas. A maioria dos agressores de acordo com Camargo (*apud* OLIVEIRA 2015) vem de famílias desestruturadas com relacionamentos afetivos escassos e precários. Para essa pessoa o sofrimento do outro não é motivo para ela parar de agir, pois ela não soube transformar seu ódio em diálogo. O agressor se sente satisfeito com a submissão da vítima. As vítimas, de acordo com Bandeira

(2010), são geralmente pessoas com baixa autoestima e pouco sociáveis. Elas têm quase nenhuma capacidade de se defender ou de cessar as agressões. Ela sente insegurança para pedir ajuda. Outras razões podem ser a causa do bullying como cultura, etnia, religião da vítima ou quando a pessoa é novata na escola ou no lugar que sofre bullying.

O bullying de acordo com Sampaio (2015) é considerado um problema de saúde pública, pois ser exposta a esse tipo de violência escolar provoca respostas emocionais, que podem provocar comportamentos de luta ou fuga, e isso interfere negativamente na saúde além de interferir nos processos de aprendizagem e socialização. Como explicado anteriormente pode ter várias consequências, principalmente psicológicas na vida de vítima (OLIVEIRA 2015), por isso é importante estudar esse tipo de violência e suas consequências na vida da vítima. Na pesquisa, "Prevalência de Bullying e emoções de estudantes envolvidos" (Sampaio 2015) foram estudadas as emoções envolvidas no bullying, para tentar esclarecer os efeitos prejudiciais nas vítimas. Foi feita uma pesquisa transversal com características descritivas, onde foi aplicado um questionário, autoaplicável e anônimo em 232 alunos do sexto ao nono ano de uma escola estadual. No questionário foram consideradas vítima de bullying crianças que sofreram agressão, ameaça humilhação ou exclusão social por tempo igual ou superior a três vezes nos últimos 30 dias. Uma das perguntas consistentes da pesquisa foi como o aluno se sentiu ao sofrer o bullying.

Os resultados apontaram que 22% das crianças dizem sofrer bullying enquanto 17% se disseram serem agressores. A vitimização entre os sexos se mostrou equivalente. A porcentagem para agressores, entretanto não são equivalentes entre os sexos. Os estudos mostraram que dos 17% que disseram ser agressores 54,9% são meninos e 45,1% são meninas o que mostra uma diferença. A agressão mais comum foi a verbal, destacando insultos, xingamento e apelidos. Semelhante às outras pesquisas, A agressão física era mais comum entre meninos e as verbais entre meninas. A emoção prevalente foi a raiva (meninos 52% e meninas 70,4%). Outro sentimento comum foi o sentimento de tristeza e vergonha, o que pode gerar o sentimento de

impotência e assim intensificar o sofrimento. Esses sentimentos podem atrapalhar os estudos, pois a criança se sente desmotivada a ir à escola. A raiva de acordo com Sampaio (2015) pode estimular as vítimas a reproduzir as agressões sofridas, assim só intensificando e ampliando a violência nas escolas.

Essa afirmação do autor pode ser comprovada em outra pesquisa feita nos Estados Unidos da América. Nessa pesquisa, “Teasing, Rejection, and Violence: Case Studies of the School Shootings” (LEARY 2003) foram estudados os casos de tiroteio em escolas americanas e suas possíveis razões. Foi estudado cerca de quinze casos entre Janeiro de 1995 e Março de 2001. Desde 1996 quarenta estudantes foram mortos e vários outros foram feridos em tiroteios ocorridos em escolas. Ao analisar o ataque no Columbine High School em Littleton, Colorado, em 1999, várias pessoas sugeriram que pelo menos alguns dos tiroteios nas escolas, incluindo o de Columbine, pode ter sido causado por rejeição por colegas.

Pessoas que são vítimas de bullying e de provocações recebem mensagens claras que elas não são valorizadas e aceitas. Esse tipo de violência muitas vezes ocorre na presença de outras pessoas, assim levando a humilhação pública (LEARY 2003). Na pesquisa, foi estudado se o atirador tinha sofrido algum tipo de rejeição, ostracismo crônico, bullying ou provocações maliciosas e / ou experiência de rejeição aguda (como uma ruptura romântica ou uma situação particularmente humilhante). Dos 15 casos estudados, 12 mostraram que o atirador tinha sido sujeito a bullying, humilhação e provocações mal-intencionadas. Em muitos dos incidentes, as vítimas incluíam aqueles indivíduos que tinham provocado, intimidado ou rejeitado o atirador. Pelo menos 10 dos 15 incidentes envolveram um perpetrador que tinha mostrado evidências anteriores de ter problemas psicológicos, incluindo depressão, hiper agressividade ou tendências sádicas (LEARY 2003). Vários dos atiradores explicaram que suas ações foram resposta aos maus tratos que sofriam dos outros estudantes. Um aluno de uma escola de Mississippi disse que matou, pois “pessoas como eu são maltratadas todos os dias”. “Ninguém nunca realmente se preocupou comigo” (CHUA-EOAN apud LEARY ,2003).

É importante explicar que a rejeição pode ser um possível fator que contribui para esse tipo de caso, porém não necessariamente causa violência por si só. Outros fatores de risco coletados como, problemas psicológicos, interesse em armas ou explosivos, ou fascínio pela morte, oferecem dicas sobre outros contribuintes para a violência escolar (LEARY 2003). Assim a pesquisa especula como a combinação da rejeição e um ou mais desses fatores, podem aumentar as chances de o aluno perpetrar agressões contra os colegas. Mesmo o bullying podendo gerar sentimentos de raiva e comportamento agressivos (como visto nas pesquisas anteriormente), é importante ressaltar que o bullying é considerado um comportamento agressivo e violento (OLIVEIRA, 2015).

“O fenômeno contribui à experiência dos alunos em episódios de sofrimento psíquico, além de comprometer o processo ensino-aprendizagem e influenciar a maneira de resposta às demandas sociais ao longo dos ciclos de vida. Estas consequências negativas acarretadas a todos os envolvidos, associadas ao aumento de prevalência e ocorrência, converteram o bullying em um grave problema de saúde pública mundial.” (OLIVEIRA, 2015 p.276).

No bullying (VIEIRA 2010) existe uma intolerância, desrespeito em relação a não aceitação de quem é diferente. O alvo é aquele aluno que é considerado “esquisito” ou diferente de alguma maneira. A vítima normalmente é uma pessoa tímida, retraída, passiva, submissa ou temerosa e apresenta dificuldade de defesa, expressão e relacionamento. As diferenças podem ser tanto físicas como, obesidade, usar óculos ou ser gago até diferenças de raça, religião, opção sexual e maneira de se vestir.

Em uma pesquisa feita, por Oliveira em 2015, foram estudados os motivos associados ao bullying escolar. Um questionário autoaplicável foi usado para coletar os dados. Foram feitas perguntas como, “NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, com que frequência os colegas de sua escola te esculacharam, zombaram, mangaram, intimidaram ou caçoaram tanto que você ficou magoado/i incomodado/ aborrecido/ ofendido/ humilhado?” e “NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, qual o motivo/ causa de seus colegas terem te esculachado, zombado, zoadado,

caçoado, mangado, intimidado ou humilhado?” As opções de respostas para essa pergunta foram a) A minha cor ou raça; b) A minha religião; c) A aparência do meu rosto; d) A aparência do meu corpo; e) A minha orientação sexual; f) A minha região de origem; e g) Outros motivos/causas (Oliveira 2015). Nos resultados 51,2% das causas do bullying não foram identificadas, entretanto 18,6% dos motivos foram relacionados à imagem ou aparência corporal. De acordo com Oliveira (2015) esse dado pode ser entendido como a falta de tolerância às diferenças e diversidades, em razão ao padrões sociais e culturalmente valorizados. Outras razões que apareceram foram, raça, orientação sexual e gênero.

Segundo Antunes e Zuin (2008, p.36) “Ora, o bullying, tal como conceituado, não é, de maneira alguma, uma simples manifestação da violência sem qualquer fator determinante. Na verdade, o bullying se aproxima do conceito de preconceito, principalmente quando se reflete sobre os fatores sociais que determinam os grupos-alvo, e sobre os indicativos da função psíquica para aqueles considerados como agressores.” (apud VIEIRA, 2010 P.45)

Todas essas pesquisas apontam ao fato que bullying é algo muito comum em escolas e podem causar vários efeitos na criança e no jovem. Por prejudicar as relações interpessoais e poder deixar na vítima marcas por toda a vida (VIEIRA 2010)

A pesquisa pretende pesquisar como jovens adultos vítimas de bullying acreditam que essas práticas afetam suas vidas atualmente e quais são esses efeitos.

1.1 Psicologia analítica

De acordo com Penna (2014) na investigação analítica é considerado os fenômenos em seu âmbito individual (sonhos, fantasias, experiências pessoais) e coletivo (mitos, contos de fadas, obras de arte, acontecimentos sociais e políticos). Ela explica que seja no coletivo ou no individual eles (os fenômenos) produzem vivências psicológicas.

É considerado símbolo qualquer evento que causa uma mobilização ou provocação, eles tem grande repercussão em seu contexto, em função do alto valor de significado e sentido (Penna 2014).

“A metodologia Junguiana propõe um método de investigação dos fenômenos que inclui tanto um contexto subjetivo quanto um contexto objetivo da realidade e permite que sejam conduzidas pesquisas no âmbito pessoal e no âmbito coletivo dos fenômenos culturais.” (Penna 2014 p88).

Pelo método Junguiano se propõem uma investigação subjetiva e individual, acredita-se que esse método seja coerente para a pesquisa que será feita. Na literatura é possível achar várias pesquisas quantitativas sobre o assunto bullying, porém poucas pesquisas no método analítico. Por meio dessa pesquisa procura-se focar no sofrimento subjetivo da vítima por meio da análise Junguiana ao invés de focar em números e quantidade como as maiorias das pesquisas fazem.

1.2 Complexo do Bode expiatório

Quando pensamos nas vítimas de bullying, a vivência delas parece assemelhar ao complexo do bode expiatório. A psique é considerada um conjunto de complexos, isto é, um conjunto de ideias ou imagens, carregadas de emoção que atua como uma “personalidade autônoma”. No centro do complexo existe um arquétipo (YOUNG – EISENDRATH & DAWSON, 2002).

Para poder entender o complexo do bode expiatório é preciso entender de onde vem essa expressão. A origem do termo “Bode expiatório” vem de rituais encontrados em diferentes culturas, onde uma vítima humana, animal, planta ou objeto inanimado era sacrificado para os deuses. Isto ocorria, pois acreditavam que esse objeto poderia ser eliminado, depois de transferirem magicamente para ele o mal. Assim o mal também seria eliminado. Nessas cerimônias acreditava-se que um elemento estranho estaria sendo eliminado.

Este ato tinha algumas finalidades como, diminuição a ira das divindades, purificação da comunidade, assim se re-estabeleceria a relação do povo com o espírito e com a moral os aliviando da culpa (PERERA 1991).

A expressão bode expiatório, vem do ritual do Yom Kippur (o dia do perdão) onde um bode era sacrificado e oferecido a Jeová (mediador entre o mundo divino e humano), para que ele perdoasse Israel e outro era expulso ou evadido levando consigo os pecados para ser reclamado por um anjo decaído, chamado Azazel (PERERA 1991).

De acordo com Perera (1991) o ritual foi banalizado e perdeu seu sentido e o termo agora é usado com outro propósito. Ele representa pessoas que são responsabilizadas pelo mal ou por um delito provocado. Perera (1991) também comenta que no mundo ocidental o papel de bode expiatório era designado as minorias que levavam com si valores que eram vistos pela cultura como desqualificados e que preferem manter na sombra.

Para Perera (1991) o mecanismo de negação da sombra está associado com o complexo do bode expiatório. Isso ocorre, pois esse complexo recebe a projeção da sombra. Essa por sua vez se identifica com características que o outro, por não estar em acordo com seu ego ideal, não aceita em si mesmo. Para se protegerem de possíveis novos ataques, pessoa identificadas com o bode expiatório ficam presos nos sentimentos de incapacidade, rejeição e ficam presos aos ideais coletivos, assim evitando mostrar seus potenciais.

Dentro da estrutura do complexo do bode expiatório tem o bode imolado, de acordo com Perera (1991) este equivale ao pré-ego que se identifica com a rejeição. Esse pré-ego é oculto e desamparado e está sempre convivendo com o sentimento de culpa. Por não conseguir seguir os ideais coletivos, se sente indigno de viver.

De acordo com Olsen (2016) todos somos vítimas em algum momento de nossas vidas, entretanto alguns não têm consciência disso e essa figura arquetípica é negada ou projetada. Essa negação ou projeção é o caso da pessoa que faz bullying de acordo com Olsen (2016). Quando um bode expiatório é identificado, é gerado nos acusadores um sentimento de

inculpabilidade, pois eles ficam isentos de qualquer responsabilidade (PERERA 1991).

Perera (1991) explica que os indivíduos que se identificam com o complexo do bode expiatório muitas vezes começam a viver o papel de vítima de maneira defensiva e não criativa. Como dito antes elas ficam presas aos sentimentos de incapacidade e rejeição.

Para não ser ferido novamente com o material da sombra, o indivíduo identificado com o bode expiatório cria uma proteção. Essa proteção é apresentada na forma de dificuldade com vinculações, dificuldade de se sentir acolhido e seguro (PERERA 1991).

O medo é o sentimento que sempre acompanha a vítima, ela se sente impotente, pois o agente da vitimização tem o poder de causar dor e sofrimento, negar justiça e até causar morte.

“No entanto, só porque a vitimização desencadeia tanto medo e uma negatividade tão completa, é possível que nenhuma outra imagem arquetípica constele tanto a necessidade da psique humana de tornar significativo o sofrimento vivido como a figura da vítima. O primeiro lamento de desespero da vítima é "Porque eu?" O horror daquele ato violento que cria a vítima explode num grito que pede significado para a dor, propósito para a angústia. Não pode haver aceitação ou acordo com a própria vitimização sem que a psique constele a vítima sagrada. Podemos ser capazes de tolerar muita dor, muito mais do que jamais mereceremos ou nos julgaremos capazes de suportar. Mas Jung estava certo quando disse que os seres humanos não conseguem suportar uma existência sem sentido.” (COWAN p.145 1994)

De acordo com Cowan (1994) as experiências de sofrimento, injustiça, impotência e morte estão associadas ao termo vítima que evoca negatividade. As vítimas, de acordo com Ferraro (*apud* COWAN 1994) podem ser divididas em duas categorias, entretanto elas não se excluem e sim inter cruzam. As vítimas podem ser a vítima sagrada e a vítima secular. A primeira projeta inconscientemente no ambiente o sofrimento que carregam dentro de si e por

essa razão podem facilmente se tornar uma vítima secular A vítima secular por sua vez é aquela vítima de câncer, acidentes de carro, estupro etc. O sofrimento dela é no tempo e no espaço. Para Cowan (1994) A vítima secular é forçada por meio de um evento literal, como um ato criminoso, nessa condição.

Então a figura arquetípica da vítima pode ter um aspecto sagrado ou secular. Como explicado:

“As vítimas seculares são, assim, feitas por projeções: os que endossam e alimentam os valores dominantes na cultura projetam seu próprio medo da impotência, da desproteção, da fraqueza, da vulnerabilidade, em todos que possam ser vitimados. E, uma vez que a nossa cultura não tem uma distribuição igualitária de poder, existem mais vítimas do que agressores.”

(COWAN p.146 1994)

A pessoa ou coisa que levou a pessoa a posição de vítima se torna um elemento importante, pois eles que criaram a situação que fez a pessoa ser tornar a vítima. Saber que existe uma afinidade (onde um pode encontrar uma coisa de si no outro) e parte do horror da vitimização (COWAN 1994)

1.3 Vítima secular

Por causa dos Americanos, que veem as vítimas como perdedores que não conseguiram vencer por não se esforçarem o suficiente, a imagem da vítima vem sendo desvalorizada. Com essa cultura que valoriza a dominação, a conquista, a competição e o poder vê a vítima secular como culpada pela sua situação. Ela atrai e cria para si uma atenção negativa que gera essa culpabilização, que faz parecer digna de culpa e em falta com a cultura (COWAN 1994).

Ainda de acordo com Cowan (1994) essa crença que as vítimas são as culpadas pelas coisas que acontecem com elas, pode ter sua origem em na antiga noção cristã que as pessoas pagam pelos seus pecados e são abençoadas por sua bondade. Desse modo se a pessoa está sofrendo e porque ela deve ter causado de alguma maneira. O pensamento cristão, é que

esse sofrimento é a justiça divina sendo paga nas mãos de agentes humanos. Essa ideia ainda existe hoje em dia, mas ela é mascarada por termos seculares, o que acontece com a vítima é merecido, ela se colocou naquela situação.

“Mas, no fundo, nós nem sempre criamos o nosso sofrimento particular e pensar que sim é estar numa inflação negativa que nos leva a assumir uma capacidade grandiosa, divina, segundo a qual temos o poder de fazer com que aconteçam coisas medonhas. Em nome da maturidade psicológica, devemos ter a capacidade de separar o imperativo de sermos todos responsáveis pelos nossos próprios atos, do pressuposto de que as vítimas são responsáveis por sua própria vitimização. Se não pudermos efetuar essa distinção, a vítima se torna então uma figura patologizada, que considera neurótica e unilateralmente o mundo como seu agressor. Estaremos então inconscientemente identificados com a vítima, seja introjetando a culpa, seja projetando a responsabilidade pela mesma. A tarefa psicológica, porém, não é necessariamente eliminar essa responsabilidade pela culpa, mas aprender a colocá-la onde for seu justo lugar.” (COWAN p.146 1994).

Nessa cultura que despreza fraqueza, os sentimentos, horror, vergonha e impotência que o agressor faz a vítima sentir, além da culpa atribuída pela sociedade faz com que a vítima se sinta sem nenhum valor. Entretanto esses mesmos sentimentos, podem causar empatia e indignação contra as injustiças causadas, despertando uma sensação de tragédia e até evocar amor. A vítima é vista como impotente para exigir justiça, como a figura fraca e sofredora que existe dentro de nós, assim despertando em nós compaixão, empatia, luto e amor.

1.4 Vítima Sagrada

O termo vítima (COWAN 1994), que tem sua origem do latim, faz referência a qualquer criatura que é morta e oferecida a um deus ou poder divino. A palavra *victima* significa “animal de sacrifício”. Sacrifício que deriva do latim, *sacer* que vem do termo sacro que significa aquilo que é sagrado. Sacer também pode significar “multa”, “maldito”, “penalidade” e “criminoso”. Isso mostra que a vítima pode ser amaldiçoada e inocente ao mesmo tempo. Essa maldição geralmente corresponde a vítima se sentir amaldiçoada, como se tivesse sido escolhida

para alguma punição. Essa imagem de vítima aparece na psique como “a amaldiçoada” igual à figura do bode expiatório. Ele é aquele que foi escolhido por ser inocente pagar pelos pecados dos outros.

O termo vítima por ter um significado diferente nas raízes ancestrais do Latim (significar “aumento e crescimento”) traz significados que podem ser contraditórios. Por um lado, a vítima em sua secularidade pode ser apresentada como feia, temível, secretamente desprezada e no outro lado pode ser vista como sagrada, linda e desejável (COWAN 1994).

Cowan (1994) define a vítima sagrada como o modo que a pessoa se imagina no seu próprio sofrimento. Ela busca um sentido para o sofrimento vivido, pois o que pode diminuir o sofrimento e angústia dela não é necessariamente o fim do sofrimento, mas conseguir vivenciar esse sofrimento tendo algum sentido.

2. Objetivos

2.1 Objetivo geral

Foi verificado, do ponto de vista da vítima de bullying, quais eram os efeitos de longo prazo percebidos pelo participante.

2.2 Objetivo específico

- Foram identificados quais eram os efeitos de longo prazo que o sujeito atribuiu ao bullying.
- Foram analisados por meio da psicologia analítica as suas falas.

3. Método

3.1 Participantes

Os participantes foram vítimas de Bullying, de 18 a 26 anos, que relataram terem sofrido bullying no período da infância, pré-adolescência/ adolescência e acreditavam que o bullying tinha afetado suas vidas.

3.1.1 Tamanho da amostra

Quatro participantes foram entrevistados

3.1.2 Seleção da amostra

Os sujeitos foram escolhidos através de um questionário online, que foi feito para identificar vítimas de bullying. Ao final do questionário foi perguntado se o participante gostaria de participar de uma entrevista mais aprofundada, para contar sua experiência e os efeitos que o bullying pode ter causado. O questionário foi divulgado na rede social Facebook.

3.1.3 Critérios de Inclusão

Os critérios usados para escolher os sujeitos:

- Ter sofrido bullying na adolescência
- Crença que o bullying afeta sua vida atualmente
- Ser vítima pura de bullying (não ser vítima/agressor)

3.1.4 Critérios de exclusão

Os critérios que impediram o sujeito de entrar na pesquisa:

- Ser vítima/agressor
- Não acreditar que possui efeitos a longo prazo de bullying sofrido

3.2 Instrumentos

Os instrumentos usados foi questionário online e entrevista semi-dirigida.

3.2.1 Duração e sequência de aplicação de instrumentos.

Foi aplicado um questionário online que ficou aproximadamente três semanas disponível e após a coleta de dados, os sujeitos que se disponibilizaram a participar da pesquisa foram convidados. As entrevistas com os participantes que se disponibilizaram a participar foram agendadas posteriormente.

3.3 Local de coleta de dados

Os dados do questionário online foram coletados em serviços específicos para pesquisa e divulgados em comunidades de redes sociais referentes à bullying. A entrevista semi-dirigida foi realizada em local combinado com o sujeito participante.

3.4 Procedimentos de análise de dados

O questionário online foi utilizado apenas para convidar os sujeitos a participarem de uma entrevista presencial. O questionário teve algumas perguntas para definir se o participante se enquadrava nas categorias de inclusão dos sujeitos, e perguntava sobre a possibilidade de encontro presencial. Estes dados serão relatados, porém não analisados.

O procedimento de análise de dados da entrevista semi-dirigida foi a de categorias de análise, pela metodologia da análise do discurso.

3.5 Cuidados éticos

O projeto desta pesquisa foi submetido à Plataforma Brasil e ao comitê de Ética em Pesquisa Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Os procedimentos realizados nesta pesquisa obedeceram aos Critérios da Ética na Pesquisa com Seres Humanos, conforme a Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. O número de aprovação do comitê de ética é, 2.403.688. Apenas após aprovação no CRP os sujeitos foram contatados. O questionário online informou que as pessoas que se sentiam vítimas de bullying e acreditavam, precisar de atendimento poderiam ser atendidas pela na Clínica Ana Maria Poppovic.

3.6 Riscos

É importante explicitar que a pesquisa não apresentou riscos, entretanto, se o sujeito se sentisse desconfortável com algum assunto na pesquisa, este poderia ser atendido na Clínica Ana Maria Poppovic.

3.7 Benefícios

A pesquisa beneficiou os sujeitos da entrevista, que puderam ser ouvidos e não julgados pelo seu sofrimento. Além de ter beneficiado vítimas de bullying como um todo e poderá ajudar futuras pesquisas sobre o tema.

3.8 Desfecho primário

Como resultado foi esperado, ter um entendimento maior sobre os efeitos a longo prazo do bullying de uma maneira mais subjetiva e como esse tipo de violência pode deixar marcas de forma diferente em cada um.

4- Descrição questionário

Antes de fazer a entrevista semi-dirigida, foi feito um questionário online onde foram obtidas 67 respostas. Participaram pessoas de 18 a 26 anos, 22,4% tinham 21 anos. Das 67 pessoas que responderam o questionário 94% responderam que já sofreram bullying e 6% responderam nunca terem sofrido bullying.

Foi perguntado com qual idade a pessoa sofreu bullying, podendo marcar mais do que uma opção. A idade que mais apareceu foi dos 11 aos 15 com 69% responderam 11 aos 15 seguidas por dos 7 aos 10 com 49,2% e por último dos 15 aos 18 com 28,6%. É importante ressaltar que a mesma pessoa poderia ter marcado as três idades. Quando perguntado onde a pessoa sofria bullying, 95,2% responderam que sofreram na escola. Novamente as pessoas podiam marcar mais do que uma opção. Em relação ao tempo 40,6% responderam terem sofrido bullying por vários anos, enquanto 35,9 responderam terem sofrido por vários meses e 23,4% sofreram por algumas semanas.

A intensidade foi dividida em pouco, médio, muito e muito forte. 42,2% responderam médio, seguido 28,1% pouco, 23,4% muito e 6,3% muito forte. O tipo de bullying que mais apareceu foi o bullying verbal com 81,3%, seguido pelo bullying indireto 75%. O cyberbullying apareceu com 20,3%.

41,3% dos participantes da pesquisa não enfrentavam a pessoa ou o grupo de pessoas que faziam bullying e apenas 3,2% sempre enfrentavam

seus agressores. Esse dado prova o dado de Bandeira (2010) que as vítimas tem pouca capacidade de se defender.

Das 63 pessoas que responderam que sofreram bullying, 66,7% das pessoas responderam que acreditam que o bullying afeta sua vida hoje em dia e 33,3% responderam que o bullying sofrido não afeta sua vida hoje em dia.

66,7% responderam que nunca tinha humilhado algum de seus colegas, de forma que eles se sentissem profundamente incomodados, enquanto 33,3 responderam que sim. Em relação a se impor fisicamente, chegando a agredi alguém, 77,3% responderam que não e 22,7% responderam que sim.

Mesmo muitos respondendo que acreditam que o bullying tem efeito em suas vidas hoje em dia, 75,4% não quiseram participar da entrevista e somente 24,6% aceitaram participar.

Colocar o gênero só era necessário se a pessoa quisesse participar da entrevista, então não foi possível analisar se mais homens ou mulheres participaram da pesquisa, entretanto somente 2 homens responderam querer participar da entrevista.

5- Resultados e discussão

Perfil dos entrevistados

Foram atribuídos nomes fictícios aos participantes.

Fernando - 26 anos: Sofreu bullying por vários anos e por vários motivos, como por exemplo, aparência e notas baixas. Sofreu bullying físico, verbal, indireto e cyberbullying.

Marcela - 26 anos: Sofreu bullying por vários anos, sofreu bullying indireto e direto. Em casa sofria bullying da irmã mais velha e não tinha ajuda dos pais para se proteger da irmã. Na escola sofreu mais bullying dos meninos da sua sala, do que das meninas.

Gustavo - 21 anos: Sofreu bullying físico quando tinha 8 anos e depois sofreu bullying indireto dos 15 aos 18, onde um boato foi contado sobre ele e seus amigos e colegas pararam de querer falar com ele. Assim ele perdeu vários amigos e ficou mais isolado.

Marina -18 anos: Sofreu bullying por vários anos e em escolas diferentes. Sofreu bullying, indireto, verbal, cyberbullying e teve também estrago de objeto.

5.1- Análise dos dados

Os dados foram analisados qualitativamente, sendo divididos em categorias de análise. As informações das categorias foram analisadas pela metodologia da análise do discurso.

5.1.1- Gênero

Dos quatro participantes entrevistados, dois eram do gênero masculino e dois do gênero feminino.

5.1.2- Idade

Dois dos participantes tinham 26 anos e os outros tinham 18 e 21 anos.

5.1.3- Idade que sofreu do bullying

Marcela e Marina sofreram bullying dos 7 aos 10 e dos 11 aos 15. Gustavo sofreu bullying dos 7 aos 10 e dos 15 aos 18. Por fim Fernando sofreu bullying dos 11 aos 15 e dos 16 aos 18 e também sofreu alguns episódios de bullying quando tinha 21/22 anos. Não teve nenhuma opção de idade que não tenha sido escolhida, mostrando que o bullying pode ocorrer em várias idades.

No questionário online foi visto que a idade que mais apareceu foi dos 11 aos 15 com 69% e essa foi a idade que mais apareceu entre os participantes.

5.1.4- Regularidade

Dentro do período que responderam sofrer bullying, todos sofreram com uma certa regularidade seja com uma intensidade mais forte ou mais fraca. Todos contaram que foi algo que ocorria com bastante regularidade, porém não especificaram. Somente Marcela contou que sofria bullying praticamente toda semana.

5.1.5- Tipos de bullying

Todos sofreram mais de um tipo de bullying. Os quatro participantes sofreram bullying verbal e indireto. Bullying verbal pode ser insultos, ameaças, humilhação, chantagem e apelidos constrangedores. No bullying indireto a vítima pode sofrer isolamento, exclusão e ser alvo de criação de boato. Os dois participantes do gênero masculino, contaram sofrer agressão um deles sendo com mais regularidade e o outro algo pontual. De acordo com Zequinão, Medeiros e Pereira et al (2016) meninos se envolvem mais com o bullying físico. Os dois que sofreram bullying físico disseram que do bullying sofrido, a agressão não foi o pior, e que o bullying indireto ou verbal eram o que mais o incomodavam. O participante Fernando disse que *“Sinceramente nem ligava em apanhar, mas a humilhação me deixava, muito, muito, muito pra baixo, demais assim.”* As participantes contaram que o bullying físico que sofreram foi

estrago e roubo de objetos, mas não agressão. Dois dos participantes sofreram cyberbullying, onde sofreram discriminação e humilhação.

5.1.6- Quem eram os agressores

Três dos participantes sofreram bullying por pessoas dos dois gêneros. Sendo que no caso da Marcela, sofria bullying indireto pelas meninas e bullying verbal dos meninos.

No caso da Marina o bullying, verbal, indireto e o cyberbullying foram provocados por meninos e meninas. Fernando e Gustavo sofreram bullying físico por meninos. Fernando na entrevista não explicitou se os outros tipos de agressões eram feitas por pessoas do sexo masculino ou feminino, entretanto, nos exemplos dados sempre citava envolvimento de meninos. Todos contaram que o bullying que sofriam era na escola, por colegas, entretanto Marcela contou que também sofreu bullying em sua casa, da sua irmã.

5.1.7- Exemplos de bullying

Durante a entrevista cada um dos integrantes deu alguns exemplos do bullying que sofria. No geral foi obtido pelo menos um exemplo de cada tipo de bullying. Em relação ao bullying físico, Gustavo contou, *“...eles chamaram um grupo de amigos deles. Eles fizeram uma rodinha em volta de mim, me empurraram e me bateram aí eu voltei e eu lembro que a mãe dele estava na arquibancada e eu voltei e sentei do lado dela aí ele pegou minha cabeça e bateu contra a arquibancada.”*

Marcela contou que os meninos de sua sala chegavam chamando ela de “nojenta” enquanto as meninas as chamavam às vezes para conversar, mas assim que ela saía usavam o que ela falava para “zoar” ela de alguma maneira. *“você sabe que quando sair de lá, tudo o que você falou não importa se falou, hoje o dia está bonito a pessoa vai usar isso contra você e você vai pagar.”*

Outro exemplo citado por Marcela de um bullying verbal foi quando contou que faziam piadas dela por algo relacionado a outro aluno. *“Eu acho que na sétima série, eu estava no fundo da sala e alguma coisa fedía, naquele lugar e depois*

de muito tempo, tipo um mês eu descobri que vinha da mochila de um moleque atrás de mim que a mãe dele fazia algum lanche que tinha maionese e fedia aquela porra, era maionese com alguma coisa só que todo mundo falava que era eu e era eu e era eu.”

A maioria dos exemplos contam experiências de humilhação pública e exclusão. Um exemplo dessa humilhação também é contada por Marcela. Ela fala: *“Era uma apresentação de artes ainda, eu lembro que estava apresentando e o moleque tava gritando que meu peito era caído, ele estava gritando, oh seu peito caído, que feio que não sei o que, só que ele estava gritando eu não estava conseguindo falar, porque ele estava gritando mais alto e o moleque ficou repetindo esse caralho por muito tempo até a professora mandou ele calar a boca.”*

Fernando também contou um caso onde sofreu humilhação, ele conta: *“Na escola e eu era muito envergonhado por tudo que acontecia, e certo dia eu tomei coragem, vi que a menina estava interessada em mim e fui conversar com ela. E dei um beijo nela, filmaram e a escola inteira deu risada da minha cara. Pior, não era só a sala não, foi a escola inteira mesmo e esse vídeo está na internet até hoje e não sei como deletar. Tem vídeo meu tomando pescotapa em algum lugar na internet, também não sei onde tá.”* Esse caso por ter tido um vídeo colocado na internet pode ser considerado também cyberbullying.

Marina, também deu um exemplo de Cyberbullying: *“As pessoas encontraram meu perfil e deixaram bem claro que eu era muito menos do que bem-vinda eu simplesmente não me sentia confortável postando no meu próprio Facebook.”*

Exemplos de serem excluídos pelos colegas que seria um dos tipos do bullying indireto. Alguns dos exemplos dados foram:

Marina: *“cara era uma condição absurda onde eu não conseguia ter 1 amigo na sala e assim eu tinha 11 anos eu tinha acabado de me mudar eu não conhecia ninguém.”* Para Bandeira (2010) ser um novato na escola pode ser uma das razões para sofrer bullying.

“Um dos meninos que mais competia nota comigo, João, cara ele fez questão de no meio do ano desembestou de dar uma festa, fez questão de convidar todo mundo menos a mim, fez questão de falar isso bem abertamente e ele ficava revoltado toda vez que eu tirava uma nota maior que a dele.”

Fernando: *“Eu era bem excluído, bastante, bastante e com quem eu tentava arranjar amizade todo mundo falava “nossa aquela pessoa está andando com o Fernando.”*

Gustavo: *“E assim, eu não sei quais eram as coisas que ela estava dizendo pra grande maioria dos meus amigos. Só sei que basicamente da noite pro dia as pessoas não queriam olhar na minha cara.”* E *“Mas o problema era que assim, eu ainda estava na escola, eu ia para almoçar, e aí eu voltava para escola para ter mais aulas durante a tarde e todo mundo estava em salas diferentes e tal, então se pessoa tinha outra aula, eu só ficava sozinho”*

Diferente dos outros participantes, Fernando sofreu episódios de bullying mesmo depois de ter saído da escola. *“A importantíssimo, dos 22 aos 23 anos, não 21 aos 23 depois de voltar dos Estados Unidos, passavam de madrugada, depois de estarem bêbados, jogando ovos na minha casa, isso aconteceu 4 vezes.”*

Marcela conta que sofria bullying por ser uma criança esquisita. Marina conta, que também não se encaixava no “padrão” aceitável, *“Eu sou uma pessoa de baixa estatura eu sou uma pessoa, um tanto acima do peso, tenho consciência disso e as pessoas gostavam muito de fazer questão de mencionar isso várias vezes, as pessoas gostavam de fazer piada sobre a minha idade, porque afinal, você é só uma criança, nunca é legal a gente ouvir isso, até hoje.”* Fernando também sofria bullying por causa da sua aparência, *“...Zoações na época que eu tinha espinhas, época que eu era o mais magro da sala, que eu não ficava com ninguém e isso mexeu tanto com a minha cabeça que eu acabei não focando tanto nos estudos que até isso acabou virando motivo de gozação.”*

Essa gozação em relação aparência, foi apontada por Oliveira (2015) Como citado anteriormente, como uma falta de tolerância às diferenças e diversidades, por ter um padrão valorizado e estabelecido pela sociedade.

5.1.8- Se defender ou relatar o bullying sofrido

De acordo com Bandeira (2010) às vítimas de pouca capacidade de se defender ou conseguir parra as agressões, na maioria das vítimas sentem inseguras em pedir ajuda. Isto é visto nas entrevistas, todos raramente se

defendiam ou contavam para algum professor. Marina e Marcela explicaram que não se defendiam por acreditar que poderiam sofrer consequências. Quando perguntada se contava para alguém da escola, Marcela respondeu, *“Não, não é para contar. porque se você contar fica pior, não é contar, contar para que? Para uma mulher de 50 anos chegar e falar, oh isso é muito feio, tá não faça e os cara me fuder depois pior ainda?”* Foi perguntado para Marina, se ela tentava enfrentava as pessoas que faziam bullying com ela, ela respondeu, *“Muitas vezes eu só tentava ficar quieta, porque se eu abrisse a boca ia dar merda, ia dar muita merda.”*

Fernando contou que algumas vezes tentava se defender entretanto, não sabia como. *“A partir do momento que existia uma gozação eu em deixava me levar por isso,. Eu tinha um psicológico fraco e não sabia de certo modo aplicar uma psicologia reversa para poder sair dessas situações.”*

5.1.9- Como reagem

A forma que a maioria encontrava para se proteger era ignorando, tentando não deixar os agressores verem que tinham de algum modo afetado eles e/ou se isolando. Marcela relatou que *“Para mim a melhor coisa que eu podia fazer era fingir que não estava acontecendo, porque uma hora eles iam cansar.”* e também, *“...não dava para fazer nada, algumas vezes ou outra pode ser que eu falei alto para alguém, cala a boca, mas era bem raro, minha coisa era fazer cara de morta, ficar olhando para frente, não está acontecendo comigo e foda-se.”*

Marina também faz um relato parecido ao de Marcela, *“Eu sempre tive uma regra, que é a seguinte, se eles verem que doeu eles vão fazer de novo. Então não chorando na frente deles já está ótimo.”*

Fernando contou que evitava de andar com as pessoas, assim eles não sofriam bullying por andar com ele, *“... eu criei uma barreira que não só me protegia, mas também protegia os outros. Eu blindava as pessoas a minha volta que acabava afastando elas de mim.”* Marina preferiu começar a se isolar, *“Eu comecei a me isolar mesmo, se eles iam fazer porque não facilitar.”* Marina também contou que começou a ir mal na escola, algo que de

acordo com (FRASER-THILL 2017), é um dos efeitos a curto prazo do bullying. Marina diz, *“Quando eu entrei no (nome do colégio) minhas notas começaram a abaixar, eu não tinha vontade de ir pra escola eu não gostava mais, eu fazia de tudo para não ficar na sala de aula. E isso vindo de uma pessoa que assim pra ela, histórias verdadeiras. Uma vez eu escondi um 9,6 em história da minha mãe achando que era uma nota baixa isso vindo de uma pessoa com esse tipo de histórico, tirando 6, porque se eu diminuísse minhas notas talvez eles iam parar de ficar correndo atrás de mim, falando tudo que eles falavam pra mim, porque talvez o problema era porque eu era mais inteligente.”* Marina também contou que além de se isolar, ela durante o período do bullying se cortava e quase cometeu suicídio (um dos possíveis efeitos visto que o bullying pode causar).

Gustavo lidou de maneira diferente, ele contou que não tentou muito se justificar para tentar acabar com o boato que tinham soltado sobre ele. Ele conta, *“Então de forma geral, o que minha série ficava pensando de mim eu não tentei me explicar tanto, eu acho que foi uma situação, eu sou teu amigo e você só escutou um negócio sobre mim e só assumiu que eu sou babaca, você não veio perguntar o que acontece, você só se distanciou então essas pessoas eu só pensei, que merda, perdi muita gente que era próxima, mas não pensei muito em correr atrás, eu me esforcei mais em explicar minha situação para as pessoas que de fato continuaram sendo minhas amigas ou se tornaram depois.”*

5.2- Efeitos

Como questão central da pesquisa, foi perguntado quais efeitos os participantes acreditam que o bullying sofrido tem na vida deles hoje em dia. Todos que participaram da pesquisa tinham colocado que acreditavam que o bullying tinha afetado a vida deles de alguma forma. Os entrevistados também contaram como eles foram afetados durante o bullying e foi possível ver que alguns desses efeitos permaneceram durante os anos.

5.2.1- Acreditar no que falavam

Um dos pontos em comum na fala da maioria dos entrevistados foi começar a acreditar nas falas dos seus agressores. Apareceram falas, que mostram que por ouvirem por anos comentários maldosos e de tantas pessoas passaram a acreditar que o que era dita para eles, era verdade. Também foi percebido que para alguns esse pensamento durou até mesmo quando as agressões pararam.

De acordo com Perera (1991) as pessoas identificadas com o arquétipo do bode expiatório “habitua-se a dar crédito às avaliações coletivas, múltiplas e cambiantes (PERERA P.52 1991). A autora explica que esses indivíduos não confiam na validade de suas percepções dos fatos, sentimentos, ideias ou palpites.

Marina diz, *“As crianças não têm noção do peso das ações e palavras têm com as outras pessoas, que até hoje muitas coisas que falavam para mim, são coisas que até hoje eu firmemente acredito.”* Ela passa a contar um exemplo, *“...eu gosto muito de cantar, mas eu não diria que sou boa, porque todo mundo ao longo da minha vida me falou que eu não sou. Algumas pessoas me falam que eu sou, eu gostaria muito de acreditar, mas eu não consigo acreditar, porque gente demais, me falou contrário. Estatisticamente eles estão certos.”* Marina também diz, *“Eu estudava em período integral, se você ouvir isso todo dia da semana, toda semana, todo mês por anos, é um pouco complicado você não começar a acreditar.”*

É possível ver uma semelhança nas falas de Fernando e Marcela. *“Se todo mundo não gosta de mim é obviamente qual é o problema? Todo mundo que não é” (Marcela).* Fernando conta que ouvia elogios das pessoas de sua casa e de amigos da sua família, porém acreditava nas críticas e comentários dos colegas. *“Para as pessoas do colégio eu era ridículo, entendeu? Com quem mais eu convivia? no colégio, então eu fui levando mais em consideração as críticas nesse caso.”* Marina conta como até hoje tem problemas com sua voz, por ouvir críticas a respeito. *“muitas vezes minha voz falando já é uma coisa que me causa irritação real. é uma coisa que eu ouvi tanto que eu passei a acreditar, muitas vezes são coisas que realmente ficam com você, coisas que não deveriam, mas ficam. Coisas do tipo, você nunca vai dar certo nas coisas*

que você quer, eu acredito nisso, me falaram tanto, em três estados diferentes me falaram isso, as pessoas não se conheciam então claramente ele tem algum mérito para me falar isso.”

Como explicado anteriormente por Cowan (1994), a vítima se sente culpada pela situação que está. Isso é visto na fala da Marcela, quando diz, *“Obviamente que a culpa era minha e óbvio que eu ia acreditar não tinha porque, na minha cabeça não tinha como não acreditar.”*

Gustavo diferente dos outros, contou que nunca ligou para as opiniões dos outros, *“Eu sou bem desinibido, eu realmente não ligo o que as pessoas pensam de mim eu não tenho nenhum problema em me abrir.”* Ele explicou que mesmo tendo um boato que fez grande parte dos seus amigos se distanciarem, ele não se esforçou muito em tentar se explicar *“Então de forma geral, o que minha série ficava pensando de mim eu não tentei me explicar tanto, eu acho que foi uma situação, eu sou teu amigo e você só escutou um negócio sobre mim e só assumiu que eu sou babaca, você não veio perguntar o que acontece, você só se distanciou então essas pessoas eu só pensei, que merda, perdi muita gente que era próxima, mas não pensei muito em correr atrás, eu me esforcei mais em explicar minha situação para as pessoas que de fato continuaram sendo minhas amigas ou se tornaram depois.”*

5.2.2- Baixa autoestima e insegurança

A baixa autoestima foi outro ponto relevante que destacou nas falas dos participantes. Foi possível perceber que durante os anos a baixa autoestima presente foi diminuindo, entretanto durou após o fim do bullying e ainda é presente, mesmo se em menor grau.

Quando perguntado se acreditava que o bullying tinha afetado a sua autoestima, Fernando respondeu, *“Auto-estima principalmente. Eu terminei um namoro agora no final do ano, e curioso você me conhecer agora, porque nessa fase agora, pela primeira vez na vida eu estou me sentindo bonito. Eu sempre me senti a pessoa mais feia do mundo, mas demais, demais, demais.”*

Marcela também conta de como tinha uma baixa autoestima em relação a sua aparência, *“Eu lembrei que na minha infância e adolescência eu só andava de*

cabelo preso, e soltei uma vez e falaram merda, até as pessoas que não falavam merda eu não acreditava. Tipo uma pessoa falando e o uma multidão atrás de mim. Tipo se você está falando a verdade que caralho é aquilo? Aí eu comecei a alisar e comecei a cortar de um jeito que era mais gótico, mas não era.”

De acordo com Perera (1991) a imagem física da pessoa pode ser afetada de várias maneiras com a típica distorção de percepção. Alguma parte da imagem que é aceitável coletivamente é idealizada. Com isso, essa imagem se torna o foco e objetivo da pessoa, pois por não ter essa imagem aceitável, ali residi sua deficiência.

O bullying não afetou só a autoestima, no sentido da aparência, mas também na imagem que os participantes tinham deles mesmos. Marina diz, *“Afetou muito a imagem que eu tenho de mim mesma porque a imagem que eles tinham de mim não era boa.”* Marina conta que até hoje, sente se insegura em relação a sua imagem como pessoa e que acredita que as pessoas vão acabar não gostando dela. *“Acho que muitas das inseguranças hoje, ainda são muito fundamentadas nas coisas que eu ouvi.”* Ela explica que mesmo sabendo que os melhores amigos dela gostam muito dela, ela fica insegura quando eles demoram para responder alguma coisa no celular. Ela diz *“Cara eu sei racionalmente que eles estão ocupados, estão fazendo alguma coisa, se eles demoram tempo demais para me responder, claramente porque eles não me aguentam mais meu Deus do céu, porque eu sou insuportável eu não consigo me aturar como é que eles vão me aturar? Isso é uma coisa que foi construída, por causa do que eu acabei passando.”*

Marcela conta como desde de pequena tem uma autoestima baixa em função do bullying que começou sofrendo da irmã, *“Então eu não falava com as pessoas eu achava que eu era um lixo e desde criança eu achava que a melhor coisa que eu podia fazer é ficar quieta e isso só foi indo.”* Ela também diz *“Na minha cabeça não existia defesa porque eu nasci assim. Então não tem motivo para me defender.”* Marcela nessa fala, mostra que acreditava que não havia porque se defender, pois ela era daquele jeito e os alunos tinham uma razão para tratarem ela daquela forma. Mais de uma vez ela diz *“Eu era uma criança esquisita.”* Cowan (1994) explica que a vítima introjeta a culpa, que é

caso de Marcela e os outros que acreditam que estavam sofrendo por alguma razão, como por exemplo não corresponder ao padrão de beleza imposto pela sociedade.

Em outra fala Marcela conta que mesmo estando melhor, alguns pensamentos ainda perpetuam. Uma de suas falas foram. *“..entrar em um ônibus e me sentir mal porque as pessoas estão olhando para mim e eu tenho medo delas e vou me sentir mal.”* Marcela conta que mesmo quando saiu do ambiente escolar, onde sofria bullying ainda sentia como se pudesse sofrer algum tipo de agressão *“Eu ainda achava que as pessoas da faculdade estariam me olhando do mesmo jeito que as pessoas da escola me olhavam é uma coisa que até hoje olhando na rua eu ainda, é uma coisa que assim, está presente, mas está bem melhor.”* Ela também diz, *“A ideia de coisas boas não podem acontecer comigo e a ideia de que as pessoas vão me odiar muito fácil, são ideias que ficaram muito tempo, que foram para relacionamentos, hoje assim, eu posso falar que estou bem melhor.”* Sobre relacionamento, Marcela conta fala: *“E o segundo, ele era bonzinho e ele era carinhoso, mas ele não tem muito amor para dar, ele tem um nível e na época eu amei, pra um lixo qualquer migalha vale.”*

É possível ver também em suas falas como o bullying afetou a sua autoestima em relação a conseguirem realizar coisas, como por exemplo trabalho. Fernando conta, como tem muita dificuldade em concluir seu trabalho e se sentir satisfeito. *“Toda vez que alguém pede para eu fazer algum trabalho para pessoa, eu levo tempo para fazer. E não é que eu queira levar tempo, É porque eu não consigo, eu tenho medo de entregar para pessoa. Eu criei esse medo muito forte, o medo me domina, sempre que é para concluir alguma coisa. Então finalizar é uma coisa que me dá tanto medo, porque eu sinto que foi um reflexo de tudo que eu passei do bullying, porque eu liguei finalizar com conclusão de pensamento (...). E aí eu comecei a ficar com medo de cada vez que eu tentava acabar (uma discussão) eu me machucava mais. (...) Ouvir uma crítica, ouvir um não é uma coisa assustadora para mim.”* Fernando conta que enxerga esse medo de crítica como um reflexo do bullying, onde era constantemente criticado e humilhado.

Esse tipo de pensamento também foi visto nas falas dos outros participantes. Marina diz que é insegura em suas habilidades e diz *“Eu sou movida pela*

minha ambição. Mas ao mesmo tempo eu tenho completa e total fé que eu não sou competente de fazer o que eu quero fazer. mas se eu não tentar, eu vou me sentir pior.” e Marcela diz *“Eu sei que ainda tenho problemas em me sentir inútil.”* Ela conta que tem uma voz de condenação dentro dela.

Gustavo conta que na época que sofreu bullying e perdeu quase todos seus amigos, também ficou com depressão e que hoje em dia sente que ainda têm, porém ele sabe lidar com ela. Mesmo depressão, segundo Wolke (2015) ser um dos possíveis efeitos do bullying, não é possível determinar se essa depressão é resultado do bullying ou se ele já tinha um processo depressivo anterior. Gustavo diz: *“Muito do que ficou do sofrimento dessa situação toda era muito interno, eu perdi meus amigos, nunca mais falei com essa menina, teve uma mudança social, mas aí internamente eu acho que tinha muitas coisas mal resolvidas e tudo isso culminou para eu ficar depressivo.”*

Marina também conta que com 12 anos também teve depressão, e mesmo sendo na mesma época que sofria bullying, não se pode afirmar que a depressão foi resultado do bullying.

Esse sentimento de fracasso e de não serem bons suficientes é uma característica dos indivíduos identificados com o complexo do bode expiatório.

De acordo com Perera (1991) os indivíduos identificados com o bode expiatório conseguem perdoar no outro exatamente o que acreditam ser desprezíveis em si mesmos, como pecados e imperfeições. Existe um acusador interno pelo qual eles se sentem julgados segundo os seus modelos condenatórios. Eles se identificam com o fracasso e se sentem deploráveis e culpados, com um sentimento de estarem errado, além de um sentimento de incômodo. Entretanto com o outro, o julga pelo padrão de salvador e redentor e consegue compreendê-los com bastante sentimentalismo.

5.2.3- Sentimentos

No estudo feito por Sampaio (2015) o sentimento que mais apareceu nas vítimas de bullying foi raiva. Esse foi um sentimento presente nas falas da Marcela. Ela conta que durante e após o bullying tinha um sentimento de raiva

e que só passou com a terapia e que esse sentimento era o maior sentimento de todos ela conta que: *“Essa raiva era maldosa pra caralho, de verdade.”*. Algumas de suas falas foram *“...mas eu tenho ódio, eu quero arrancar a cabeça de alguém a dentada, mas eu me odeio, não consigo.”* e *“Mano era uma raiva dentro de mim , que era tipo assassina, eu não fazendo metáfora, eu poderia pegar uma faca e matar alguém que fez parte desse passado. Tipo minha irmã estava nesse meio.”* Esse sentimento de raiva assassina foi visto na pesquisa de Leary (2003) onde jovens realmente chegaram a cometer assassinatos.

Alguns desses sentimentos negativos, passaram, como no caso da raiva da Marcela, entretanto ainda duraram alguns anos após o fim do bullying e causaram sofrimento para os participantes. Marcela diz: *“Eu precisava me provar pra um bando de fantasma que não existe mais. Essas pessoas foram embora, elas não são mais essas pessoas, eu falava isso para ela também, eu senti isso por uns anos que eu estava lutando em uma guerra que não existia mais, eu era a única pessoa lá.”* Marcela nesse relato conta, como mesmo não estando mais em contato com seus agressores, ainda sofria por tudo que tinha passado. Ela continua dizendo, *“Então eu era a única sobrevivente lutando em uma guerra por causa do passado e era uma coisa completamente ingrata, porque eu não conseguia sair daquele lugar, mas aquela coisa não existia mais, então aquilo era um sofrimento em cima de sofrimento e um bando de gente falando que tudo bem e sei lá o que, que eu preciso mudar e sei lá o que, tentando dar um monte de discurso que eu não conseguia seguir.”*

Fernando também conta de sentimentos negativos que não gostava de ter, sentimentos de querer que os outros sofressem o que ele sofreu. Entretanto quando tinha esses sentimentos se sentia mal. *“Você sofreu tanto que você quer mostrar que você é melhor às vezes. você acaba explorando um lado que não é verdade, que não é necessário. (...) porque se eu sofri, agora vou fazer as pessoas sofrerem, aquela coisa, efeito ping-pong. Então, mas todas as vezes eu consegui depois colocar a cabeça no lugar, mas você já falou a coisa. Mesmo só falando foi uma coisa que realmente me machucava no final das contas por só falar para as pessoas. Porque não era eu. Eu nunca fui uma pessoa de mostrar que eu sou melhor que ninguém. Então, isso sai da minha realidade e quando você sai da realidade eu entendo que você está um pouco perdido. Isso mexeu bastante comigo.”* Para Fernando só de pensar em

causar algum mal, até se fosse para as pessoas que o fizeram sofrer, faz ele se sentir culpado como se esse sentimento não fosse um sentimento que deveria fazer parte dele.

Fernando também conta de atitudes que toma, e que acredita que tem relação ao bullying. *“Quando eu fico irritado ou chateado com as coisas eu tenho atitudes que podem causar mal a alguém, por exemplo sai acelerando o carro, são coisas que assim, por tudo que eu já aprendi na vida não era motivo então o único motivo que consegui encontrar para mim era o que eu passei. A reação em cadeia disso é muito forte, isso me deixa bem chateado.”*

Marcela conta que o sentimento que prevalece ainda hoje é o medo que tem de pessoas.

Foi perguntado para Marina se ela tinha algum sentimento de raiva, para o qual ela respondeu, *“Cara, eu não diria raiva, porque raiva implica algum tipo de investimento emocional e algum tipo de decepção de algo que você achava que era que causou esse investimento emocional. Sei lá, é mais naquela altura do campeonato eu esperava isso.”* Mesmo a raiva sendo um sentimento que mais apareceu em algumas pesquisas, não foi um sentimento identificado por Marina.

5.2.4- Se relacionar/ problemas de comunicação

Foi percebido que por serem isolados, e/ou humilhados, os entrevistados se queixaram de problemas para se relacionar com ou outro e como saber se comunicar. Esses problemas de acordo com alguns participantes, começaram na época do bullying. Fernando explica como bullying afetou seu modo de se comunicar com os outros, *“E por causa disso eu não conseguia ter conversas normais, porque eu não tinha convivência suficiente para ter experiência suficiente para desenvolver uma conversa com as pessoas na época.”* Marcela relata algo parecido, *“eu era a criança que não tinha amigos, que não sabia se relacionar com as outras, era uma criança esquisita, eu era esquisita mesmo.”* Ela conta que não sabia conversar e se relacionar com as pessoas *“Eu estava tentando ser uma pessoa que eles iam gostar e eu não sabia como fazer isso!”*. Após o bullying eles contaram que ainda continuaram com esses problemas. Quando foi perguntada como o bullying influenciou a vida dela, ela respondeu,

“Com certeza influenciou muito na maneira que eu penso, em relação a mim mesma especialmente. Por exemplo eu não sou uma pessoa que tendo a me abrir muito as pessoas por causa do que eu sofri.” Gustavo também relata problemas em se relacionar com as pessoas. *“Eu tenho a sensação que minha habilidade de conversar com as pessoas foi um pouco moldada com base nisso, eu acho que o fato de ter perdido muita amizade eu fico muito com o pé atrás de alguma pessoa ser de verdade minha amiga ou não. Eu sou super desinibido, eu não tenho nenhum problema de me aproximar de alguém e bater um papo com uma pessoa, o problema é que pra eu de fato ficar de fato amigável com alguém e considerar ela minha amiga, é muito custoso. Eu só chegar para alguém aleatório e falar: “Oi tudo bem meu nome é Gustavo, tudo bem?” isso é fácil, mas querer manter contato e continuar junto com a pessoa é difícil, exige um pouco que a pessoa vá atrás de mim e aí se estabelece um pouco de contato.”* Ele passa a explicar um pouco mais como ele acredita que o bullying o afetou nesse caso, *“...eu acho que é bem essa questão de conversar com as pessoas, de saber criar intimidade, é mais isso. Não só de relacionamento amoroso, mas qualquer tipo de relacionamento.”* Perguntou-se para Gustavo porque incomoda ele não conseguir se comunicar direito com as pessoas, para qual ele respondeu *“Me incomoda, porque eu acho que eu seria uma pessoa bem mais feliz se eu soubesse me comunicar melhor com as pessoas, criar elos mais fortes. Eu de fato acho que seria uma pessoa mais alegre.”*

Fernando contou que mesmo após sair da escola ele não sabia como se comunicar, quando encontrava algum colega da escola e eles faziam alguma brincadeira. *“Eu tentava sair da situação de modo... eu meio que fazia uma birra de tão infantil que isso estava incrustado na minha cabeça e não sabia como... eu queria me livrar daquilo, aquilo é como se fosse uma doença.”* Ainda sobre o mesmo assunto ele fala, *“E aí eu não sei lidar com isso de novo entendeu? Aí eu tomo atitudes desesperadas, não lembro qual atitudes foram, mas foram atitudes grosseiras, deixar de falar com todo mundo, fazer um alarde. Atitudes infantis de certo modo entendeu?”* Isso o incomodava, pois ele não era mais um adolescente e sentia que ainda estava agindo como agia na escola.

Marina também relata como o bullying afeta o modo como se relaciona com as pessoas. *“Tendo a manter as pessoas numa distância confortável, ao ponto que as pessoas se abrem pra mim com certeza com plena confiança porque sabem eu ouço o problemas delas, mas é difícil pessoas com quem eu me abro.”* Ela explica porque ela mantém essa distância. *“A vulnerabilidade assusta muito as pessoas. Como eu disse eu sempre tive uma regra em relação a mim em reação ao bullying, nunca deixe eles verem o efeito do que eles estão fazendo tem em você. Não deixa ver, porque você se põe em uma posição vulnerável. A maioria dos relacionamentos não dão certo por causa disso sabia? Pessoas que não querem se abrir a outras, porque vulnerabilidade assusta. E eu acho que isso é uma coisa que me pegou muito. Tanto em questão de amizade quanto relacionamento.”*

Para Perera (1991) quem se identifica com o complexo do bode expiatório apresenta uma grande probabilidade de ter problemas em se vincular e de se sentir acolhido com segurança. Com medo de se machucar novamente, de ser novamente ferido com o material da sombra o indivíduo tem dificuldade de se envolver.

Nenhuma experiência pode ser vivida com profundidade ou algum relacionamento se desenvolver com o outro, pois o indivíduo identificado com o complexo do bode expiatório acredita que qualquer abertura o trará sofrimento.

5.2.5- Minimizar o sofrimento

Como explicado anteriormente Cowan (1994) a vítima introjeta a culpa e acredita que está sofrendo por alguma razão. Foi visto nas falas da Marcela que achar que seu sofrimento era justificado, já acreditava que ia sofrer de qualquer maneira. *“Acostumei com o sentimento de humilhação, então quando acontecia, era óbvio que ia acontecer e esse pensamento ficou e foi perpetuado assim. era uma coisa de identidade.”*

Em algumas falas da Marina é possível ver uma tentativa de minimizar o sofrimento. É como se por ter sido ela que estava sofrendo, alguém que como explicado como Perera (1991) carrega a culpa, a intensidade do sofrimento não deveria ser tão grande. Ela diz *“é que olhando em retrospectiva, eu olho e falo,*

cara isso é muito tosco, que isso me afetou tanto.” Como se todo o sofrimento dela não tivesse uma validade, ou não merecesse ter importância. A participante mais adiante admite que faz essa minimização do sofrimento, *“Muita gente tem essa mania de diminuir os próprios sentimentos, tipo “sou eu, não tem problema” e eu tenho muito isso, acho que é mais pela questão que fiquei muito tempo sofrendo bullying.”* para finalizar ela diz *“Quando a gente tenta diminuir o próprio sofrimento e para tentar fazer parecer menos ruim, porque muitas vezes a gente não quer aceitar que passou por isso então a gente tenta fazer parecer menos ruim, porque não pode ter sido tão ruim assim eu não passei por isso.”*

Uma das áreas que o complexo do bode expiatório afeta é “a percepção e a consciência, ou seja, o modo como o indivíduo percebe e forma a experiência (PERERA 1991 P.47).” Pode ser ver na fala da Marina, que ela não quer acreditar que sua experiência tenha sido tão ruim. Para Perera (1991) conter e conseguir suportar o sofrimento é uma das áreas afetadas quando o indivíduo se identifica com o complexo expiatório.

5.2.6- Problemas de identidade

A terceira área que Perera (1991) acredita que o indivíduo poder ser afetado é na capacidade de autoafirmação, que é a defesa de sua própria identidade e opiniões.

Fernando na entrevista fala, *“Como eu citei eu tenho personalidade forte, e quando eu quero expor meu ponto eu consigo expor ele com força. Porém se alguém rebate meu ponto a forma a me desgastar, sou fraco em relação a isso. Essa fraqueza eu ligo, e várias fraquezas minhas, várias faltas de defesa eu ligo ao que eu tenha passado antigamente.”* Sua a personalidade é de alguém com uma personalidade forte, mas por carregar o complexo do bode expiatório ele apresenta uma dificuldade em si auto-afirmar e se defender. Para Perera (1991) o complexo se torna uma identidade pessoal, assim de início o indivíduo não consegue suportar uma confrontação.

É possível identificar na fala dos entrevistados, como eles percebem que o bullying moldou ou afetou de algum modo suas personalidades. Marcela diz, *“Eu precisava não existir , era assim que eu sobrevivi. Quando eu entrei na faculdade eu já não tinha mais eu. A minha vontade não existia, a minha autoestima não existia, então como é que você faz.”* Ela também conta que por causa do bullying o sentimento de humilhação se tornou parte de sua identidade.

Marina conta não tem a menor ideia de quem é, ela diz *“Eu brinco muitas vezes que não sou uma pessoa de verdade, sou um personagem, mas é que muitas vezes parece isso. Porque como eu tenho medo de ser julgada pelas pessoas, medo que... nossa senhora me trava as vezes, eu baseio muito o jeito que ajo em como as pessoas estão agindo comigo.”* Mais adiante ela diz, *“Eu não sei ser uma pessoa sem ser essa persona que eu construí, porque a persona que eu construí não se abala, a persona que eu construí não lida com os problemas da maneira que deveria com certeza, mas pelo menos não tem os problemas negativos tão óbvios e é muito mais confortável.”* Marina não quer entrar em contato com sua identidade de vítima, então prefere criar essa persona de pessoa que não se abala e que não sofre. Ela atribui essa falta de identidade ao bullying *“acho que minha personalidade inteira foi completamente afetada por isso, mas porquê... isso acho que é culpa minha porque eu deixei afetar, mas é porque é a maneira que eu sou, eu nasci sim não pode me culpa por isso, vitimíssimo.”*

Fernando diferente da Marina, não sente uma falta de identidade, mas sim uma aceitação. *“Não acho que tenho que desenvolver, mas aceitar que eu tenho ela. É uma questão de aceitação. eu preciso me aceitar, porque tantas pessoas falaram mal de mim durante minha vida, no bullying, que acabei aceitando as pessoas e não em aceitando mais.”*

Gustavo, parece não ter problemas com sua identidade, entretanto, o bullying parece intensificado uma característica dela, que ele se incomoda. *“costumo começar um relacionamento com um pé atrás do tipo, quem é essa pessoa, deixa eu analisar antes de cair de cabeça e eu sempre fui assim, desde bebê, mas eu percebi uma diferenciação depois do bullying, eu não acho que isso surgiu por causa do bullying , eu só acho que foi intensificado por questão do bullying, foi basicamente isso, eu sou uma pessoa com essa barreira mental,*

eu tenho um pouco essa barreira, só acho que ela se fortificou mais. Eu acho que eu sou mais receoso.”

Para Perera (1991) o adulto identificado com o bode expiatório tem uma inabilidade de conseguir desenvolver uma autoconfiança, pois ele é sobrecarregado desde muito pequeno com elementos desvalorizados, negativos e reprimidos e dissociados pelos pais, que no primeiro momento representam o coletivo.

No caso do bullying quem representa esse coletivo não são os pais e sim os colegas. Desde que começaram a sofrer bullying os participantes foram sobrecarregados com esses elementos negativos de desvalorização e de não aceitação. Assim se identificando com a imagem que os agressores criavam deles e assim perdendo ou não conseguindo se identificar ou aceitar com sua própria identidade

Nos casos dos participantes eles se identificam com o complexo do bode expiatório (que é a sombra do outro projetada) assim não se identificam com sua própria sombra e persona levando a ter essa falta de identidade.

6- Considerações finais

O objetivo dessa pesquisa foi identificar os possíveis efeitos a longo prazo que os participantes atribuíram ao bullying.

No relato dos sujeitos entrevistados, o bullying mostra afetar alguns em mais áreas que em outros, todavia o sofrimento não é algo que pode ser comparado, então se pode dizer que um sofreu mais que o outro. O sofrimento em relação ao bullying sofrido em alguns aspectos foi diminuindo ao passar dos anos, entretanto ainda há sofrimento presente. Não é possível determinar se os efeitos presentes hoje irão passar com o passar do ano, ou se continuarão.

Por meio da perspectiva da psicologia analítica foi possível notar que o bode expiatório foi um complexo percebido nos quatro integrantes e a identidade com a vítima também.

Foi possível ver também efeitos identificados em outras pesquisas nesta pesquisa, como sentimento de raiva, pensamentos suicidas, problemas de internalização e transtorno de ansiedade ou transtorno de depressão, baixo rendimento na escola e uma maior dificuldade na adaptação da vida adulta.

Pode-se concluir que o bullying afetou os participantes em diferentes graus e modos, porém quase todos tiveram algo em comum como, por exemplo, problemas em se relacionar com o outro, baixa autoestima, insegurança e problemas de identidade.

7- Referências

BOTTINO, Sara Mota Borges et al . Cyberbullying and adolescent mental health: systematic review. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro , v. 31, n. 3, p. 463-475, Mar. 2015 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2015000300463&lng=en&nrm=iso>. access on 06 Dec. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00036114>.

BULLYING, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. *Michaelis On-line*. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=Vxme>> Acesso em: 09 out 2016.

COWAN, Lyn Christine. A Vítima. In: DOWNING, Christine (org.) *Espelhos do Self: As Imagens Arquetípicas que Moldam sua Vida*. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 144 - 150.

DE MORAES BANDEIRA, Cláudia; HUTZ, Claudio Simon. As implicações do bullying na auto-estima de adolescentes. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 14, n. 1, p. 131-138, 2010.

FRASER-THILL, Rebecca. Understanding the Short-Term Effects of Bullying: Recognize and Cope with Bullying. 2017. Disponível em: <<https://www.verywell.com/the-short-term-effects-of-bullying-3288473>>. Acesso em: 04 out. 2017.

LEARY, M. R. et al. Teasing, rejection, and violence: case studies of the school shootings. **Aggressive Behavior**, [s.l.], v. 29, n. 3, p. 202-214, 22 abr. 2003. Wiley-Blackwell. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/1517/f7e01ce08f029082c3cd7b314b5f298293e2.pdf>> Acesso em: 15 Maio 2017. <http://dx.doi.org/10.1002/ab.10061>

OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de et al . The causes of bullying: results from the National Survey of School Health (PeNSE). **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto , v. 23, n. 2, p. 275-282, Apr. 2015 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692015000200013&lng=en&nrm=iso>. access on 02 May 2017. Epub Apr 14, 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-1169.0022.2552>

OLSEN, Bárbara. o vínculo agressor/vítima em casos de bullying sob a perspectiva da psicologia analítica. 2016. 76 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Psicologia Clínica, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016. Disponível em: <http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/48223/R_-_D_-_BARBARA_OLSEN.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 25 nov. 2017.

PENNA, Eloisa M. D.. **Processamento simbólico-arquetípico**: pesquisa em psicologia analítica. São Paulo: Educ, 2014. 216 p.

PERERA, Sylvia Brinton. *O Complexo de Bode Expiatório*. São Paulo: Cultrix, 1991.

ROCHA, Moana Oliveira; COSTA, Carmen Lucia; PASSOS NETO, Irazano. Bullying e o papel da sociedade. Cadernos de Graduação - Ciências Humanas e Sociais, v. 1, n. 16, p. 191-199, 2013.

ROSENBERG, M. (1965). Society and the adolescent self-image. Princeton, NJ: Princeton University Press.

TRÊS em cada dez estudantes no Brasil sofrem Bullying, diz IBGE. Bom dia Brasil. Disponível em:<<http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2011/03/tres-em-cada-dez-estudantes-no-brasil-sofrem-bullying-diz-ibge.html>> Acesso em: 06 dez 2016.

Vieira, Mariana Batista. Timidez e exclusão-inclusão escolar: um estudo sobre identidade. Outubro de 2010. *tede2.pucsp.br*, <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15973>

WOODS, Sarah et al. Emotion recognition abilities and empathy of victims of bullying. Child Abuse & Neglect, Hatfield, v. 33, n. 5, p.307-311, maio 2009. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.chiabu.2008.11.002>. Disponível em: <http://wrap.warwick.ac.uk/715/1/WRAP_Wolke_emotionabilities_bullying_ChildAbuseNeglect_shortreport_Jan08.pdf>. Acesso em: 11 out. 2017.

YOUNG-EISENDRATH, P; Dawson, T. Manual de Cambridge Para Estudos Junguianos.,Porto Alegre: Artmed 2002.

ZEQUINAO, Marcela Almeida et al . Bullying escolar: um fenômeno multifacetado. **Educ. Pesqui.**, São Paulo , v. 42, n. 1, p. 181-198, Mar. 2016 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022016000100181&lng=en&nrm=iso>. access on 16 Oct. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-9702201603138354>

8- Anexos

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

O presente questionário constitui parte da pesquisa a respeito aos efeitos de longo prazo do bullying. O objetivo consiste em fazer através de entrevistas uma análise da fala dos entrevistados e identificar quais são os efeitos de longo prazo que o sujeito atribui ao bullying.

Os procedimentos da pesquisa consistem em uma pesquisa online e os dados e uma entrevista semi-dirigida.

A participação é voluntária, havendo a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa, portanto, não gera custos ou compensação financeira. Os dados destinam-se unicamente a fins acadêmicos. O uso das informações por mim oferecidas está submetido às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde.

É garantido o sigilo dos sujeitos e das informações, bem como a retirada da autorização dos participantes, caso desejem desistir de sua participação na pesquisa, impedindo a utilização de seus dados até então coletados.

Como benefício, o resultado da pesquisa poderá ser utilizado para agregar um conhecimento mais amplo a respeito da saúde mental da população pesquisada.

A possibilidade de desconforto e risco é mínima, contudo, se houver alguma mobilização psicológica negativa decorrente das questões presentes no questionário, a Clínica Psicológica “Ana Maria Poppovic” da Faculdade de Psicologia da PUC-SP oferece serviços de atendimento psicológico.

Declaro, por meio deste termo, que concordo em responder ao questionário que se segue na pesquisa de campo referente ao projeto intitulado Estudo dos efeitos de longo prazo de bullying em jovens vítimas: uma perspectiva da psicologia analítica, desenvolvida pela Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Fui informado(a), ainda, que a pesquisa é orientada pela Profa. Dra. Ivelise Fortim.

Nome (entrevistado): _____

RG _____ CPF _____

Assinatura: _____

Nome (entrevistador): _____

RG _____ CPF _____

Assinatura: _____

Questionário online:

O presente questionário constitui parte da pesquisa a respeito do bullying e seus efeitos de longo prazo. A pesquisa é destinada para jovens de 18-25 anos.

A pesquisa é orientada pela prof. Dra. Ivelise Fortim, tendo como orientanda Ana Bárbara Naccarati de Mello

A participação é voluntária, portanto não gera custos ou compensação financeira. Os dados destinam-se unicamente a fins acadêmicos. É garantido o sigilo dos sujeitos e das informações.

O tempo estimado de preenchimento deste questionário é cerca de 5 minutos. Ao fazer o questionário, você concorda com os termos da pesquisa e autoriza a utilização dos dados.

1. Você já sofreu bullying

Sim

Não

2. Quantos anos você tinha quando sofreu ?

7-10

11-15

15-18

3. Onde você sofreu

Escola

Trabalho

Atividades extracurriculares

Outros

4. Quanto tempo durou?

Por algumas semanas

Por vários meses

Por vários anos

5. Qual a intensidade?

Pouco médio

Muito

Muito forte

6. Que tipo de bullying você sofria (pode marcar mais que um)

Físico

Verbal

Psicológico

Cyberbullying

Outro _____

7. Você acredita que o bullying sofrido afeta sua vida hoje em dia?

Sim

Não

8. Você já fez brincadeiras de mau-gosto com outros colegas onde eles se sentiram profundamente incomodados?

Sim

Não

9. Você já humilhou algum dos seus colegas, de forma que eles se sentiram profundamente incomodados?

Sim

Não

10. Você já se impôs fisicamente a alguém, chegando a agredi-lo?

Sim

Não

Você gostaria de participar de uma entrevista presencial, onde serão feitas perguntas sobre os efeitos que você acredita que o bullying pode ter causado em sua vida? A entrevista será agendada em local de conveniência do entrevistador e entrevistado.

Esta pesquisa irá contribuir para a melhor compreensão dos processos de Bullying e suas conseqüentes formas de prevenção.

Se sim, por favor informar os dados abaixo:

Nome:

Idade:

Gênero:

Masculino

Feminino

Outro

Grata pela participação!

Ana Bárbara Naccarati de Mello (aluna de psicologia da Pontifícia Universidade Católica)

Ivelise Fortim (Orientadora)

Entrevista semi-dirigida

1. Nome:
2. Idade:
3. Por quanto tempo sofreu bullying? Você poderia me contar um pouco como foi sua experiência de bullying?
4. Quais são os efeitos que você acredita que o bullying tem na sua vida hoje em dia?
5. Porque você atribui esses efeitos ao bullying e não a outros acontecimentos da sua vida?